

AS RELAÇÕES BRASILEIRAS DE ALMEIDA GARRETT*

*Carlos d'Alge***

RESUMO

Ao examinar o espólio literário de Almeida Garrett, guardado na Biblioteca da Universidade de Coimbra, encontramos documentos que comprovam as ligações do escritor com o Brasil. Entre estes documentos destacam-se os textos, poéticos ou em prosa de ficção, e notas de Garrett sobre temas brasileiros. Daí nasceu a pesquisa que tem o título de *As relações brasileiras de Almeida Garrett*. Nesta pesquisa, que deu ensejo a uma tese de Livre-Docência, estudamos a elaboração do **Romanceiro**, a sua gênese e o papel que nela representou uma ligação brasileira de Garrett; a ode **O Brasil Liberto**, favorável à nossa independência; a crítica à iniciante literatura brasileira no **Bosquejo da história da poesia em língua portuguesa**; a denúncia contra o colonialismo na história indígena **Komurahy**; o romance inacabado **Helena**, ambientado na Bahia; as crônicas com o título de **O brasileiro em Lisboa**. Assinalamos, finalmente, que as relações brasileiras de Garrett não se limitaram à sua vida familiar, política e social. Elas transcendem o meramente afetivo e constituem, a par da simpatia pela literatura brasileira, uma defesa do novo espírito que presidiu os movimentos políticos em torno da independência dos países americanos, pondo a nu alguns malefícios da colonização.

Ao examinarmos o Espólio Literário de Almeida Garrett, na Biblioteca da Universidade de Coimbra, deparamos com alguns documentos que comprovam as ligações do escritor com o Brasil. Entre estes documentos destacam-se os textos poéticos ou em prosa de ficção, e notas do próprio autor, sobre temas brasileiros. A partir da leitura destes textos notamos um interesse crescente de Garrett pelo Brasil, visto como um país onde surgia uma nova literatura e onde se instalava uma nova sociedade, tornada em breve independente do colonizador. Essa simpatia não só atinge o entusiasmo poético, mas torna-se coerente com o pensamento

* Resumo da tese de Livre-Docência em Literatura Portuguesa, apresentada à Universidade Federal do Ceará.

** Universidade Federal do Ceará.

político do autor, que vê o Brasil como um refúgio, para quando se extinguissem as liberdades em Portugal.

Decidimos, pois, estudar os textos que provam as relações brasileiras, afetivas, literárias, políticas e sociais de Garrett. Examinamos a elaboração do **Romanceiro**, mostrando a sua gênese e o papel que nela representou uma ligação de infância do autor. Analisamos a ode **O Brasil liberto** para documentar a posição ideológica de Garrett, face a sucessos que determinaram a independência brasileira. No **Bosquejo da história da poesia em língua portuguesa** deparamos com a primeira crítica literária sobre a iniciante literatura brasileira. A denúncia contra os males do colonialismo está esboçada na história indígena **Komurahy**, cujo manuscrito só nos foi revelado em 1956, por iniciativa de José Osório de Oliveira.

Mesmo incompleta, a história sugere influências e posições que detectamos e que vamos confrontar, mais tarde, com o romance, também inacabado, **Helena**, que será a última palavra de Garrett sobre o problema colonial. Dois manuscritos, sob o título **O brasileiro em Lisboa**, expõem idéias e estabelecem contrastes entre duas civilizações: a nova, americana; e a velha, européia. Mesmo tratando-se de obra menor, e no gênero de crônica mundana, nela achamos pontos de vista que se identificam com a crítica literária do **Bosquejo** e apresentam, também, um sabor de novidade, a exaltação do tropicalismo pelo abandono do velho modelo europeu.

Chegamos à conclusão de que as relações brasileiras de Garrett não se limitaram à sua vida familiar, política e social. Elas transcenderam o meramente afetivo e constituem, a par da simpatia pela literatura brasileira, uma irrecusável defesa da liberdade, ou melhor, do novo espírito que presidiu os movimentos políticos em torno da independência dos países americanos, e que, corajosamente, pôs a nu os males do colonialismo.

É precisamente no **Romanceiro** que vamos encontrar alguns sinais da presença brasileira. Os primeiros elementos da poesia popular saboreou-os Garrett, menino, na Quinta do Sardão, quando ouvia da mulata pernambucana Rosa de Lima as estórias maravilhosas que falavam de mouras encantadas, de cavaleiros andantes, de belas infantas, de enfeitiçados, de D. Aleixo e D. Gaifeiros. Essa mulata havia sido trazida do Brasil pelo avô de Garrett, José Bento Leitão e vivia na Quinta do Sardão, ao sul do Douro, em companhia da avó do poeta, D. Maria do Nascimento, de suas tias e tio João Carlos. É o próprio Garrett quem evoca a figura de Rosa de Lima, em nota ao **Frei Luís de Sousa**, quando coloca na boca do personagem Telmo Pais palavras que ouvira na infância.

Foi durante o exílio na Inglaterra que Garrett decidiu, a exemplo de Walter Scott, que havia tornado populares, na Europa, os versos de menestréis e trovadores, coligir as lendas e romances populares portugueses. Não esquecera as lições da infância e muito menos as xácaras e lendas contadas pela “Boa Brígida” e pela “velha Rosa de Lima”. É ainda em Angra, nos Açores, quando soldado, que encontra outra

mulata brasileira, criada de sua irmã, e que lhe narra novos romances que vão aparecer na sua coletânea. Tão precioso foi esse contato que, além de enriquecer o **Romanceiro**, salvou-o dum naufrágio, como confessa Garrett no prefácio à segunda edição do romance **Adosinda**: “Mas este achado fez mais do que enriquecer, salvou-o porque ao partir para São Miguel, o deixei em Angra com a minha mãe, que Deus tem em glória, que desejava distrair com essas curiosidades que ela entendia e avaliava com tato perfeito e a sensibilidade elegantíssima de que era dotada, alguma hora das tantas em que já lhe pesavam durante as moléstias do último quartel da vida”. Efetivamente, os manuscritos do **Romanceiro** salvaram-se por esse motivo. Outros trabalhos que Garrett havia despachado para Lisboa, pereceram no navio que os transportava e que naufragou na Barra do Douro. Entre estes, uma tragédia sobre o Infante Santo, um poema sobre o tema do Magriço e dos Doze de Inglaterra, e o segundo volume do tratado **Da Educação**.

Publicou Garrett a **Adosinda**, incluindo nos **Romances reconstruídos** sete contos, entre estes o “Bernal-Francês” e a “Miragaia”, e, finalmente, coligiu para o **Romanceiro**, segundo plano que esboçara, trinta e sete romances, a cinco dos quais deu forma literária. Entre os trinta e dois, destacam-se os romances mais populares e conhecidos no Brasil, “Dom Beltrão”, “Dom Gaifeiros”, “Dona Ausenda”, “Dom Aleixo”, “A Nau Catrineta”, entre outros. Este último poderá advir da narrativa em prosa, incluída na **História trágica marítima**, sobre o “Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil, no ano de 1565”. Para Garrett esta narrativa aproxima-se muito do romance “A Nau Catrineta”.

Admitamos, pois, que, a título de exemplo, o romance ou xácara sobre o episódio do naufrágio de Jorge de Albuquerque Coelho, ouviu-o Garrett da cronista-mor da família, a “parda-velha” Rosa de Lima, que o aprendera em Pernambuco, onde eram bem vivas as histórias sobre naufrágios e episódios fantásticos como o da celebrada “Nau Catrineta”.

Garrett seguiu fiel aos postulados da nova corrente literária, estudando o verdadeiro espírito português nas tradições do povo, a exemplo do que Scott e o bispo Percy fizeram na Inglaterra. Reuniu e restaurou as canções populares, as xácaras, solaus, romances e rimances, valendo-se dos amigos, das notas deixadas pelo Cavaleiro de Oliveira, e tendo como primeira fonte de inspiração Rosa de Lima, a quem evocará em outras ocasiões.

Aproximou-se assim Garrett do fenômeno literário elementar, na lição de Fidelino de Figueiredo, aprofundando a análise do folclore ou da cultura popular. Descobrimos a alma do povo e o seu tesouro artístico, “retemperavam os românticos a sua fibra nacional e encontravam uma inestancável fonte de motivos literários para a inspiração”. Ou como já explicara o autor do **Romanceiro**: “Nenhuma coisa pode ser nacional se não é popular”, no prefácio à segunda edição de **Adosinda**, em agosto de 1843.

O certo é que Garrett sempre olhou com atenção e interesse para a terra brasileira. O pretexto é político e literário. Insurge-se contra a colonização portuguesa na Índia e no Brasil e milita clandestinamente a favor da independência da terra americana. Em 1820 interroga, no **Retrato de Vênus**, a propósito da descoberta da América, se o sucesso teria sido útil ou prejudicial à Europa. Nesse mesmo ano compõe uma ode em favor da independência do Brasil, a que chama inicialmente de “A esperada e desejada união de Portugal e Brasil”, mudando, mais tarde, o título, na compilação do manuscrito original, para “Abençoando o Brasil a causa constitucional de Portugal”, conhecida, finalmente, na primeira edição da **Lírica de João Mínimo**, como “O Brasil Libertado”.

No poema, Garrett denuncia o colonialismo e alimenta a esperança de que o Brasil, independente e constitucional, sob o reinado de D. Pedro, seria o “refúgio temporário da liberdade portuguesa”, caso o Reino tombasse novamente no absolutismo. O interessante a assinalar, ao lado da temática, é o seu caráter profético. Portugal conduzira ao Brasil os grilhões do feudalismo. A colonização se processara criminosamente em busca de acumular riquezas e transportar o ouro para a metrópole. Torrentes de ouro que, segundo Garrett, “vieram subverter-se em Lisboa e Madrid”.

A servidão feudal, tanto da metrópole como da colônia, é o entre-texto dos versos seguintes, nos quais Garrett, actante da revolução burguesa, endereça todo o seu ímpeto contra o feudalismo, que “ensombrava toda história portuguesa, salvo raras exceções, e estas no plano da cultura”.

Vejamos os versos:

*Oh, virgens plagas de Cabral famoso,
Se bárbaros outrora
Vós levamos grilhões, levamos ferros
(Que também arrastávamos).*

A denúncia é posta pelo poeta em termos dialéticos. É todo um processo histórico que nega e afirma. Deixou-nos também Garrett uma referência ao racismo da colonização brasileira, em versos, no poema inédito publicado por Augusto da Costa Dias, **O roubo das Sabinas**. Com efeito, os versos 275 a 284 contêm duas contundentes afirmações contra a cobiça do ouro e destruição da igualdade natural do homem:

*Malfadado Brasil; metal p'rigoso
Germe de crimes preço de mil vidas
Que de augusta razão por vil opróbio
A dif'rença da cor veda o ser de homem.
Em loução desalinho a Natureza
O pudor virginal só lhe orna as faces.*

Repare-se nos versos “Malfadado Brasil; metal p’rigoso/Germe de crimes preço de mil vidas/Que de augusta razão por vil opróbio/A dif’reença da cor veda o ser de homem”.

Esperançoso, Garrett convoca à causa da liberdade portugueses e brasileiros, antecipando à data em que escreve a ode, dezembro de 1820, a independência do Brasil.

O **Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa** data de 1826. Nesse ano, Garrett escrevia o **Bosquejo** para servir de introdução ao **Parnaso lusitano ou poesias seletas**, coletânea que seria “um extracto das melhores poesias de nossos clássicos”. Disposto em sete capítulos o **Bosquejo** dedica o VI capítulo ao estudo da restauração das letras em Portugal, abrangendo o período que vai do meio do século XVIII até o seu fim. Neste capítulo, Garrett insere observações críticas sobre a literatura brasileira que então apenas se esboçava. Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão são alvo da crítica garrettiana. Reconhece Garrett que a literatura de língua portuguesa começa a enriquecer-se com as “produções dos engenhos brasileiros”, mas esperava que em uma vasta e rica região onde a natureza é tão pródiga houvesse mais originalidade, imagens e estilos novos. Julga que a educação européia apagou o espírito nacional dos poetas brasileiros que “recciam de se mostrar americanos”. São examinados, em seguida, os poemas **Caramuru** e **Uruguai** e as liras de **Marília de Dirceu**.

Do **Caramuru** destaca o episódio de Moema e critica Durão por não ter levado mais longe a inspiração sugerida por tão ricos cenários onde se desenvolve a história. O estilo é também observado pelos *gongorismos* que condena por afetação. O curioso é que do episódio de Moema Garrett guardou bem o nome, já que o repetiu nos outros escritos “brasileiros”. Com efeito, Moema aparece no romance **Helena**, na história do índio **Komurahy** e nas crônicas **O Brasileiro em Lisboa**. Em contrapartida, o **Uruguai** é elogiado por tratar-se do mais nacionalista dos poemas brasileiros:

O Uruguai de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião. Cenas naturais muito bem pintadas, de grande e bela execução descritiva; frase pura e sem afecção, versos naturais sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados; não são qualidades comuns.

Embora Cláudio Manoel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga não lograssem alcançar a temática nacional, nem seus versos se ocupassem dos cenários da terra americana, nem por isso deixam de receber, de Garrett, uma palavra crítica. O primeiro é visto como um dos melhores poetas de Portugal (sic). Diz Garrett que o “Brasil o deve contar seu primeiro poeta”. Não obstante predominarem nos seus sonetos “resquícios de *gongorismo* e afecção *seiscentista*”, Cláudio Manoel da Costa “deixou-nos alguns sonetos excelentes e rivalizou no gênero de Metastásio, com as

melhores cançonetas do delicado poeta italiano”.

Gonzaga viria, na literatura portuguesa, logo depois de Antônio Dinis, pois “o lugar imediato nos anacreônicos pertence a um brasileiro”. Esse brasileiro, conhecido pelo nome pastoril de Dirceu, é o autor de **Marília**, a quem Garrett reconhece méritos incontestes, pois encontra no livro versos de “perfeita e incomparável beleza”, embora o censure não pelo que fez, mas pelo que deixou de fazer: “Quisera eu que em vez de nos debuxar no Brasil cenas da Arcádia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do país onde os situou”.

O capítulo VI do **Bosquejo** tem uma palavra final sobre o malogrado Antônio José da Silva, o Judeu, de quem Garrett assinala algum talento, especialmente no **Alecrim e Manjerona**. Embora Garrett não registre nenhuma influência brasileira no dramaturgo, que nasceu no Rio de Janeiro, foi supliciado em Lisboa em 1739.

O **Bosquejo** realiza, assim, uma análise crítica das primeiras obras marcadamente brasileiras, embora em outra análise, aparecida no mesmo ano em que Garrett publica o seu trabalho, de autoria de Ferdinand Denis, o **Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil**, cite este historiador outros nomes de autores brasileiros do século XVII.

De onde proviria o indianismo de Garrett? Para Ofélia Paiva Monteiro, no exemplar estudo sobre a formação do poeta, além da leitura dos textos literários do século anterior, comentados no **Bosquejo**, junta-se a influência de outro livro de Ferdinand Denis, aparecido em 1824, em Paris, as **Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie; suivies de Camoens et José Indio**. Ao contrário de Bouterwek e Sismondi, bem como de Garrett, que escreveram sobre autores brasileiros sem conhecer o Brasil, Ferdinand Denis, observa Guilhermino César, tradutor do **Résumé**, antes de escrever sobre os poetas brasileiros “veio devasar a terra com seus próprios olhos. Por três anos (1816-1819) percorreu parte do país, demorando-se principalmente na Bahia, onde enriqueceu sua experiência de rapaz. Conviveu com a mocidade baiana. Amou. Sofreu na solidão o desamparo do emigrado. Estudou. Observou. De modo especial, apreciou a natureza exuberante, os costumes estranhos, aprendendo a tolerar a rudeza do clima, o primitivismo e o agreste das coisas. Para empregarmos a terminologia de Araripe Júnior, foi o primeiro historiador “obnubilado” da literatura brasileira.

Com efeito, as **Scènes de la nature** propunham-se, a partir de dados brasileiros, mostrar os efeitos da natureza sobre a imaginação dos homens dos países quentes, revelando ao europeu o partido poético que poderia retirar de cenas tão mal conhecidas. Denis incluiu no volume observações feitas a algumas tribos indígenas. Os capítulos XVIII e XIX são dedicados aos Machakalis, tribo a que pertencia um certo Komourahy, fonte, conclui Ofélia Paiva Monteiro, da “história brasileira” de Garrett.

O episódio dos Machakalis e a história do índio Komourahy são considerados precursores do indianismo romântico brasileiro para Léon Bourdon, citado por

Guilhermino César na introdução ao **Résumé**.

José Osório de Oliveira, que publicou o fragmento, até então inédito, não atinou com a influência de Ferdinand Denis, na “história brasileira” de Garrett. Julgou que o indianismo do autor provinha da leitura, exclusivamente, do **Caramuru** e do **Uruguai**. À influência de Denis, poderíamos juntar, tendo como data da elaboração do **Komurahy**, o possível ano de 1833, o convívio com os estudantes brasileiros em Paris, notadamente com Porto Alegre, que certamente transmitiram a Garrett detalhes sobre a natureza brasileira. Acrescente-se também a ideologia de Garrett, contrária ao despotismo, à servidão do índio, aos prejuízos causados pela colonização, e à cobiça imperialista, que ele entrevê, por mais de uma vez, quer no poema **O Brasil Liberto**, quer no artigo **Da Europa e da América**, publicado n’**O Popular**, em que, violentamente, clama contra o feudalismo insaciável da opressão.

Voltemos ao **Komurahy** garrettiano. A história, como foi dito, ficou incompleta. Em outubro de 1833 Garrett retornava a Lisboa, deixando o exílio parisiense. Restabelecido o governo legítimo na capital do reino, terminariam os ódios e inimizades nascidos no desterro ou no Porto. Terminariam? Houve uma trégua, contudo, que permitiu a Garrett reorganizar a sua vida. Em paz com os políticos e vendo triunfar a causa da liberdade, não havia por que continuar em Paris. Interrompe as atividades literárias para dar lugar a novas e urgentes tarefas revolucionárias. Já anatematizara demasiadamente o governo, já lutara em prol da liberdade e contra todas as formas de obscurantismo. Não adiantava prosseguir na contestação dos malefícios da colonização. Novas missões lhe estavam reservadas na reforma das instituições. A saga do índio **Komurahy** ficaria para depois. Renasceria, muito mais tarde, em **Helena**, romance que, se terminado, poderia levar adiante o projeto mal esboçado no exílio.

A exaltação e a defesa do índio não se fazem em Garrett à maneira de Rousseau. Ao denunciar a injustiça social, exalta, simultaneamente, a causa da liberdade. Possivelmente lera os **Essais** de Montaigne, e conhecera as idéias do notável pensador acerca dos selvagens. Para o mestre francês, errada era a pretensão do europeu em julgar bárbaros os silvícolas. Bárbaros seriam os povos a quem o europeu alterou os processos de cultura e cujo desenvolvimento natural modificou.

Os silvícolas que visitaram a França e tiveram contato com o ensaísta conheceram os procedimentos da gente civilizada. O rei entreteve-se com eles. Uma das observações, anotada, entre outras, por Montaigne, vale a pena transcrever:

Observaram que há entre nós gente bem alimentada, gozando as comodidades da vida, enquanto metades de homens emagrecidos, esfaimados, miseráveis mendigam às portas dos outros (em sua linguagem metafórica a tais infelizes chamam “metades”); e acham extraordinário que essas metades de homens suportem tanta injustiça sem se revoltarem e incendiarem as casas dos demais.

A 1º de abril de 1845 publicou-se em Lisboa o primeiro número da **Ilustração, Jornal Universal**, que Garrett ajudou a fundar e para o qual escreveu o prólogo. Divulgou ainda nesse número vários trabalhos literários: os versos de **Metamorfose**, que no livro de **Fábulas e Contos** tem o nome de **O Casquilho (janota)**; **O Bernal-Francês**; o artigo **O Inglês**; e a crônica em forma de carta **O brasileiro em Lisboa**. Segundo Gomes de Amorim, Garrett já havia publicado este texto, com pequenas diferenças, no jornal **Entre-acto**, em 1837. A crônica vem assinada por Jacaré-Paguá. O título e o artigo são coincidentes, até certa parte, com o manuscrito de Garrett. Todavia o manuscrito deixa entrever uma segunda parte, ou melhor uma segunda crônica que não chegou a ser publicada.

O texto divulgado n'**A Ilustração**, assinado por Jacaré-Paguá, é vazado em forma de carta, do brasileiro que em Lisboa escreve à sua querida Moema, separado do objeto de sua adoração por milhares de léguas, e que se compraz a descrever o modo de vida lisboeta, na segunda metade do século, tecendo aqui e acolá algumas comparações, tão a gosto do escritor, entre as virtudes e defeitos do velho mundo em contraste com a jovem terra americana. Já no início da crônica, assevera o missivista que se divertia mais em Curitiba do que em Lisboa. O que pode parecer um disparate se compararmos, ao tempo, as duas cidades; o nome de Curitiba soaria exotica-mente para o cronista. As frutas tropicais, que o escritor descrevera nas páginas do **Komurahy**, são aqui lembradas:

Fazes idéia tu, Moema querida, do que é uma laranjeira aqui? É um mesquinho e rasteiro arbusto comparado com as nossas. Aqui a natureza não corou o ananás rei das frutas da terra, nem pendurou a jaca ponderosa do capitel dórico de verdura que sustenta a cúpula frondosa dos pomares...

Fala-se da vida lisboeta, dos vapores para Almada, do outro lado do Tejo, do ônibus para Benfica e para o Lumiar e das lojas que vendem gelados. Os banhos de barca da capital também são descritos pelo irreverente **Jacaré-Paguá**, que nos pinta uma cena do dia-a-dia lisboeta. Realmente, os banhos de barca estavam na moda, na segunda metade do século. Fala-se do Passeio, onde desfilam os elegantes, das comédias em voga, de Dumas e de Scribe, da música de Donizetti e das primas-donas. O dia vai ao fim e com ele a crônica. Despede-se o escritor de sua Moema: "Adeus, até o número seguinte, maracujá-açu do meu coração! Limonada refrigerante dos meus ardentes desejos, eu te bebo com o pensamento de cá desta aridez da velha Europa. Adeus!".

Contudo, o manuscrito desta primeira crônica, a partir da página cinco, difere do original publicado. Até lá, mantém-se coincidente. A partir daí, Garrett insere comentários sobre a poesia brasileira, que queria portuguesa no desenho, mas americana no colorido. Retoma o mesmo ponto-de-vista do **Bosquejo**. Senão vejamos:

Sim senhor, queria o Brasil uma poesia brasileira – isto é, portuguesa legítima no desenhado, americana no colorido. (...) Chateaubriand, Bernardin de Saint-Pierre e Cooper são os três modelos que os Brasileiros deviam estudar.

Garrett já aludira, no **Bosquejo**, ao analisar a lírica de Tomás Antônio Gonzaga, ao modelo captado do autor de **Paulo e Virgínia**.

Confessa o cronista que a Europa já está cansada da poesia e que os poetas devem procurar refúgio no novo mundo, onde Apolo fará de magnólias e de flores do cafezeiro a sua coroa de louros. Baco substituirá o vinho pela “bela cachaça” e os poetas terão à sua disposição “coco e bananas” que sempre é melhor do que “morrer no hospital como eles por cá morrem”.

A mania dos nomes tirados dos romances é satirizada por Garrett nestas páginas manuscritas. Diz o cronista que “são os romances e as novelas da moda que presidem as fontes baptismas de Lisboa”. Prevaecem os nomes castelhanos: Conceições, Piedades, Penhas, Pilares, Remédios ou os franceses por imitação das personagens do *roman-fleuve* de Eugène Sue. No manuscrito que daria corpo à segunda crônica de **O brasileiro em Lisboa**, se publicada, estende-se Garrett na apreciação dos nomes. Confessa ser uma de suas manias o nome da mulher. A propósito dirige-se a Moema, em tom facetado: “não sei, Moema, se tivesses outro nome, se eu te amaria como te amo. Ponho às vezes na minha imaginação – e tremo!... o que seria de mim se tu te chamasses Joaquina, ou Maria Joana, ou Perpétua, ou Dionísia, ou enfim Domingas!...”

A crítica tão ao gosto d’**O Toucador** segue o mesmo espírito que interpreta a literatura atual, nas **Viagens**, no trecho em que Garrett alude aos figurinos franceses de Dumas e Eugene Sue.

No “A quem ler”, que precede a edição das **Folhas caídas** e das **Fábulas e contos**, de 1853, escreveu Garrett: “Tais são as **Folhas caídas**, última palavra até agora, mas que não será a derradeira do nosso poeta: afoitamente o confiamos. (...) As **Folhas caídas** não são o fim, são a transição”.

Realmente, não seria aquele livro a sua última palavra. E não foi, testemunha Gomes de Amorim, porque “já as tinha escrito quando começou o formosíssimo estudo **Helena**, que ficou incompleto. Se o concluísse, segundo plano que traçara, teria deixado nele o melhor dos seus trabalhos em prosa”. O projeto de Garrett era grandioso. Se acabado, seria a síntese das suas idéias, do seu humanitarismo, da ideologia que abraçara na juventude, quebradas as arestas e acalmado o ímpeto revolucionário, sem qualquer perturbação ou incômodo. Se não lograra dar corpo ao **Komurahy**, por impossibilidade de levar avante um protesto contra a cupidez da colonização, por força de voltar a Lisboa sob o patrocínio do governo legítimo e dos liberais no poder, poderia realizar em **Helena**, ao fim da sua carreira, aquela síntese. E se não o fez, não foi porque o impedissem ou porque não tivesse vagar para tanto. Impediu-o a fatalidade, a morte que ocorreu no ano seguinte.

A causa da libertação dos escravos interessara Garrett desde os anos da vida acadêmica. No ano em que publica o “A Quem Ler” das **Folhas caídas** e em que está a escrever **Helena**, advoga, no Conselho Ultramarino, não só o fim da escravatura como também o direito de os escravos, depois de libertados, entrarem em gozo de todos os direitos civis. Por sua iniciativa redige-se a **Organização e regimento da administração da justiça nas províncias de Angola, São Tomé e Príncipe e suas dependências**, para o qual Garrett escreve um relatório, que é levado pelo secretário Gomes de Amorim ao respectivo tribunal. Para a elaboração desse relatório, interrogara Garrett o seu secretário acerca dos costumes e viver dos escravos no Brasil, como fizera, com relação a Angola, o seu amigo Teixeira de Vasconcelos.

Um dos trechos desse relatório merece ser destacado por bem expressar os sentimentos de Garrett, podendo, ainda, servir de introdução a **Helena**:

*A civilização que destrói a escravidão e a escravatura e pugna pela liberdade e igualdade dos homens, sem distinção de raça ou de cor daria pouco, não daria o que promete, se desse somente a pátria aos que reinvidica da escravidão. Quer, e há de dar-lhes também a **cidade**, isto é, a existência completa dos homens.*

É, portanto, **Helena** a derradeira palavra do escritor. Iniciado em 1853, prosseguiu Garrett na redação do manuscrito durante o ano seguinte, não continuando mais, em virtude de seu estado físico e da doença de que lhe resultou a morte. O manuscrito de **Helena** compõe o número 69 do Espólio literário, e é precedido de uma folha com notas sobre os personagens do romance.

A exploração do índio pelos “estrangeiros cobiçosos e egoístas”, a “crapulosa civilização das cidades” em confronto com as aldeias indígenas, berço de nações poderosas, fadadas a extinguir-se e morrer às mãos dessa mesma civilização, formam o entre-texto de **Helena**, que aflora nos capítulos finais, os quais Garrett deixou sem título, talvez porque o quisesse fazer ao passar a limpo o borrão que escrevera quase a jato, ou porque já a doença o impedia de levar avante o projeto.

Observa-se que esse entre-texto é o mesmo do **Komurahy** e d’**O Brasil liberto**: a denúncia contra o colonialismo, a defesa intransigente do homem e da liberdade, contra toda a forma de opressão e de injustiça social.

Não se pode recusar a Garrett uma consciência brasileira. Consciência que se esboça, na infância, através das histórias e lendas contadas por Rosa de Lima, pelas lembranças colhidas em casa de seu avô José Bento Leitão, e que vai ganhar forças no convívio com os camaradas brasileiros, nas sociedades secretas de Coimbra, com os versos dedicados à causa do Brasil, com a prosa doutrinária em defesa dos ideais democráticos. Consciência que se adensa no exílio ao compartilhar com os brasileiros, quer exilados, quer em estudos, os ideais literários e políticos da terra americana; e mais tarde, ao reencontrar em Gomes de Amorim e no contato com os brasileiros ou portugueses torna-viagem, experiências e afetividades, que alimenta desde a época

em que menino andava às voltas com os velhos fantasmas da quinta do Sardão.

Essa consciência é a de que só há virtude na liberdade. Virtude que podemos constatar: está presente nos textos – chamemo-los *brasileiros* – de Garrett.

ABSTRACT

Examining the literary spoils of Almeida Garrett's, kept at the University of Coimbra's Library, one can find documents that confirm the relations of the writer with Brazil. Among these documents some texts, poetical or fictional and annotations of Garrett's about Brazilian themes stand out. Because of that, this research began to be done and is entitled **The Brazilian Relations of Almeida Garrett's**. In this work which was the beginning of a Senior Lecturing thesis, we study the elaboration of **Romanceiro**, its genesis and the role represented by it in a Brazilian connection of Garrett's; the ode **O Brasil liberto**, favourable to our independence; the criticism to our beginning Brazilian literature in **O bosquejo da história da poesia em língua portuguesa**; the denunciation against colonialism in the indigenous history **Komurahy**; the unfinished novel named **Helena**, adapted to a new environment in Bahia; and the short stories entitled **Brasileiro em Lisboa**. Finally, we pointed out that the Brazilian relations of Garrett's have not been limited to his familiar, political and social life. They surpass the merely affective and establish, being friendly to Brazilian literature, a defence of the new spirit that presided over the political movements towards the independence of American countries, exposing some misdeeds of colonization.

Referências bibliográficas *

- AMORIM, Francisco Gomes de. **Garrett memórias biográficas**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1884. 3v.
- DENIS, Ferdinand Jean. **Résumé de l'histoire littéraire du Portugal: suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil**. Paris: Lecointe et Durey Librairies, 1826.
- DENIS, Ferdinand Jean. **Scènes de la nature sous les tropiques, et de leur influence sur la poésie, suivies de Camoens e José Indio**. Paris: Chez Louis Janet Librairie, 1824.
- DENIS, Ferdinand Jean. **Resumo da história literária do Brasil**. Porto Alegre: Livraria Lima, 1968.
- DIAS, Augusto da Costa. **Introdução à edição d'O Roubo das Sabinas**. Lisboa: Portugalia, 1968. O jovem Garrett. (Poemas Libertinos, I).
- FIGUEIREDO, Fidelino de. Um século de relações luso-brasileiras (1825-1925). **Revista de História**, Lisboa, 1925. p. 168-188.
- GARRETT, Almeida. Komurahy: história brasileira. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1-2, 1956.
- GARRETT, Almeida. O brasileiro em Lisboa. **A Ilustração**, Lisboa, v. 1, n. 4, 1845. p. 53-54.
- GARRETT, Almeida. **Obras completas**. Porto: Lello & Irmão, 1963.
- LIMA, Henrique de Campos Ferreira. **Inventário do espólio literário de Garrett**. Coimbra: Publicações da Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1948.
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaíos**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- MONTEIRO, Ofélia Milheiros Caldas Paiva. **A formação de Almeida Garrett: experiência e criação**. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971.
- OLIVEIRA, José Osório de. Um Garrett brasileiro: influência do Brasil em Portugal. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1-2, 1956.

* Restritas ao resumo da tese de Livre-Docência, objeto desta comunicação.